

**NEGRAS BIOGRAFIAS: NARRATIVAS DE GRIOTES DO MOVIMENTO SOCIAL
NEGRO DO/NO ESTADO DE ALAGOAS**

**BLACK BIOGRAPHIES: NARRATIVES OF GRIOTS FROM THE BLACK SOCIAL
MOVEMENT IN THE STATE OF ALAGOAS**

Lígia dos Santos Ferreira
Universidade Federal de Alagoas
ligia.ferreira@fale.ufal.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6110-1049>

RESUMO: Este artigo foi apresentado no IV Seminário Nacional do NUDES, I Seminário Internacional do NUDES: Sociedade, Educação e Direitos Humanos: equidade na diversidade. O Grupo de Trabalho em que o mesmo foi problematizado e socializado foi o GT 4. Literaturas de autoria negra e africana: diálogos, interseções e fabulações epistêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: Literaturas. Autoria Negra e Africana. Interseções.

ABSTRACT: This article was presented at the IV National Seminar of NUDES, I International Seminar of NUDES: Society, Education and Human Rights: equity in diversity. The Working Group in which it was discussed and shared was WG 4. Literatures by Black and African authors: dialogues, intersections and epistemic fabulations.

KEYWORDS: Literature. Black and African Authorship. Intersections.

Introdução

A partir da concepção de escrevivência como a pujança da oralidade dos corpos-vozes da nossa ancestralidade, controlados pela casa-grande, cumulada à potencialidade do domínio dos signos gráficos e do valor da escrita dos homens negros e mulheres negras de hoje, a fim acordar os da casa-grande de seus sons injustos (Evaristo, 2020, p. 30), o projeto “Negras Biografias: narrativas de griotes do/no estado de Alagoas”, iniciado ainda no período da pandemia de Covid-19, tem se desenvolvido como uma forma de revelar histórias ainda não publicadas e inéditas acerca das experiências de mulheres negras integrantes do Movimento Negro de Alagoas, vidas que se (con)fundem com a ficcionalidade e invocam temáticas como: racismo, dor, sofrimento, relações tóxicas, conquistas, acesso à educação, profissionalização, relações de afeto e desafeto, militância negra, ativismo negro, partidarização, violência, morte, perdas e expectativas.

Como a concepção afrocentrada de literatura valoriza as nossas histórias afro-brasileiras – as narrativas de nós, nos termos de Evaristo (2020) – este projeto valoriza as trajetórias de mulheres negras que atuam em diversas frentes de luta neste estado de Alagoas com 72,07% de sua população autodeclarada negra, isto é, de cor preta ou parda (IBGE, 2023), da terra que abriga 100 anos de história de resistência do maior quilombo da América Latina, o Quilombo dos Palmares, hoje conhecido como Serra da Barriga, do chão que testemunhou o “Quebra de Xangô”, em 1912, mas que, ainda ousa se revestir do manto ensanguentado da branquitude e continua cultuando homenagens a escravagistas, algozes e intolerantes religiosos.

Este projeto, composto por parte da equipe de militantes/ativistas negros/as e aliados/as que atuam na implantação da 1ª Comissão de Heteroidentificação da Universidade Federal de Alagoas, em um total de 14 pessoas – que militam no movimento social negro e que atuam nos âmbitos da educação e da cultura –, começou em 2021, e vem desenvolvendo ações para a organização das primeiras obras que são de duas griotes (60+), nossas mais velhas, integrantes dessa própria equipe que nos contou muitas histórias repletas de saberes, de ensinamentos das/para as lutas negras de sua geração e das futuras, além de exaltar as nossas ancestralidades, por meio de entrevistas realizadas em seis/sete etapas no Youtube Studio (*Streamyard*), em obediência ao distanciamento social provocado pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, conhecido como o novo Coronavírus. Cada entrevista teve duração temporal entre 60 e 75 minutos, transcritas pela equipe, com intuito de organizá-las em publicações, com registros fotográficos antigos da trajetória dessas griotes e os realizados ao longo do projeto.

OBJETIVOS

Geral

Evidenciar as escrituras das griotes do movimento social negro do/no estado de Alagoas a partir de entrevistas que serão publicadas em forma de gêneros literários como memórias, crônicas, contos e/ou poesias.

Específicos

- Discriminar os temas expostos nas narrativas;
- Relacionar os gêneros literários extraídos das narrativas registradas;
- Destacar os aspectos sócio-históricos, filosóficos, emocionais e políticos das narrativas;
- Promover produções literárias para editais de narrativas negras;
- Estabelecer relações entre as produções existentes e as realizadas como “narrativas de nós”.

Metodologia

A partir da perspectiva dialética de contextualizar, analisar, compreender e ler o mundo a partir das relações de sociabilidade existentes, este projeto se desenvolve adotando as seguintes técnicas e procedimentos:

- Formação da equipe que organizará os textos e os livros a partir das narrativas das griotes;
- Realização de reuniões com a equipe e as griotes;
- Convite às griotes para participação do projeto;
- Elaboração de cronogramas e roteiros;
- Vivências de escuta das narrativas das griotes pela equipe junto com as griotes (entrevistas gravadas no Youtube Studio);
- Transcrição das narrativas gravadas em vídeos;
- Recolhimento de fotografias pessoais e documentais das griotes em participações no movimento social negro;
- Registros fotográficos feitos pela equipe;
- Organização de todo o material com elaboração de prefácio, revisão e formatação;
- Submissão aos editais publicados que tratem da temática abordada pelos textos produzidos;
- Lançamento das obras.

Resultados e discussão

Alguns aspectos me chamam muito a atenção quanto a este projeto, em andamento, principalmente, a rede de afeto, acolhimento e troca de experiências entre as griotes e a equipe responsável pelo desenvolvimento das ações, a qual fortalece esse domínio da oralidade e da escrita das nossas mais velhas a partir de suas vivências tão intensas e contributivas para a história do movimento negro no estado de Alagoas.

Este projeto dialoga com projetos que destacam as narrativas cotidianas daquelas pessoas que constroem, efetivamente, as suas próprias histórias. Para compreender essa dinâmica do falar-se sobre si, entendendo-se como uma coletividade. Faz-se necessário destacar que as “escrevivências” das duas griotes que inauguram o projeto tem como fundamento a formação acadêmica, o que significa dizer que são militantes-acadêmicas. Isso implica na vinculação da teoria como prática libertadora, nos termos de Bell Hooks. Posto que, “[n]ão é fácil dar nome a nossa dor, teorizar a partir desse lugar” (Hooks, 2013, p. 103). Assim como desvela, Evaristo (2020, p. 30):

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

Essa *performance* do corpo-voz de mulheres negras na contemporaneidade em destaque no espaço acadêmico já se apresentava em meados do século passado nos escritos da historiadora brasileira Beatriz Nascimento. Sua militância-acadêmica também contribuiu para a construção do edifício teórico do feminismo negro, cujas concepções sobre o papel da mulher negra no Brasil corroborava o que se nota, ainda hoje, no cotidiano das atividades de trabalho das mulheres negras, muito mais próximas às atividades realizadas no período escravocrata brasileiro do que em atividades emancipadoras ou transformadoras das realidades dessas mulheres.

Em tempos de valorização da cultura étnico-racial, impulsionada pela obrigatoriedade imposta pelas Leis nº. 10.639/2003 e 11.645/2008, além das

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, exploraremos a história sob outro viés, o do/a que não se vê, nem se descreve mais como colonizado/a, mas a partir das histórias contadas por mulheres negras, as mais velhas, que com muita luta, sofrimento, dor e alegria combateram e combatem o racismo e o sexismo na cultura brasileira, os quais foram denunciados por Lelia Gonzalez, em seu célebre ensaio de mesmo título, publicado em 1983.

As escutas/vivências foram tão potentes que nos motivaram a estimulá-las a submeterem crônicas ou memórias ao edital do “**I Livro Griot do MNU: memórias de vida e de luta da idosidade negra**”, proposto pelo Conselho de Griots do MNU, dois textos que estiveram entre as 50 contribuições de diversas partes do Brasil, os quais foram contemplados na referida edição e houve o pré-lançamento em 23 de novembro de 2024, em São Paulo. Isso significa que o projeto começou a colher importantes frutos para contribuir com o acervo de “*escrevivências*”, “*narrativas de nós*”, a partir das nossas griotes do movimento social negro de Alagoas.

Tal resultado tem como princípio decolonizar o pensamento acerca do que os movimentos sociais produziram e produzem em nosso país em termos políticos, culturais, filosóficos, artísticos e políticos, tendo em vista a atuação das nossas griotes no campo das políticas de saúde pública para a população negra no estado de Alagoas.

Considerações finais

Este projeto, cuja duração é de médio prazo, estimula a reflexão acerca da relevância da literatura compreendida na perspectiva afrocentrada, isto é, essencialmente coletiva, diferentemente da eurocêntrica, que elege individualidades como padrão de representação de ser e estar no mundo. Com isso, estabelece-se um diálogo entre a Universidade e o movimento social negro a fim de estimular que as narrativas das griotes passem a ser conteúdo curricular e estimulem a compreensão de que as “*narrativas de nós*” (*escrevivências*) constituem as estéticas e as tecnologias negras da literatura afro-brasileira e ressignificam os cânones literários.

Referências

1. BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 15 out. 2023.
2. BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 15 out. 2023.
3. BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 15 out. 2024.
4. EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.
5. FERREIRA, Lígia dos Santos. Narrativas minhas, deles, delas, dels, enfim, nossas: escritas da heteroidentificação na Universidade Federal de Alagoas. **Repecult – Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 145-158, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/repecult/article/view/531>. Acesso em: 17 set. 2023.

6. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 7., 1983, Águas de São Pedro. **Anais [...]**. Brasília, DF: ANPOCS, 1983. (Ou *In*: **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília, DF: ANPOCS, 1983).
7. HOOKS, bell. A teoria como prática libertadora. *In*: HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 83-104.
8. NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.